



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LEONICE OLIMPIO CORREIA DAMIÃO

**A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS- EJA ACERCA DA TEORIA DA
PROLETARIZAÇÃO**

João Pessoa/PB

2017

LEONICE OLIMPIO CORREIA DAMIÃO

**A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS- EJA ACERCA DA TEORIA DA
PROLETARIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito obrigatório para a
obtenção do título de graduação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Suelidia
Maria Calaça

João Pessoa/PB

2017

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

D159v Damiao, Leonice Olimpio Correia.

A visão dos profissionais da Educação de Jovens e
Adultos-EJA acerca da Teoria da Proletarização /
Leonice Olimpio Correia Damiao. - João Pessoa, 2018.
48 f. : il.

Orientação: Suelidia Maria Calaça.
Monografia (Graduação) - UFPB/CE.

1. Teoria da Proletarização. EJA. Profissão Docente. I.
Calaça, Suelidia Maria. II. Título.

UFPB/BC

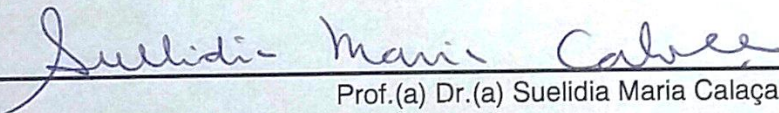
LEONICE OLIMPIO CORREIA DAMIÃO

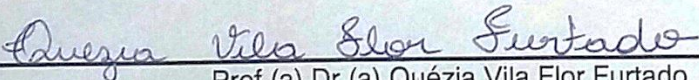
**A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS- EJA ACERCA DA TEORIA DA
PROLETARIZAÇÃO**

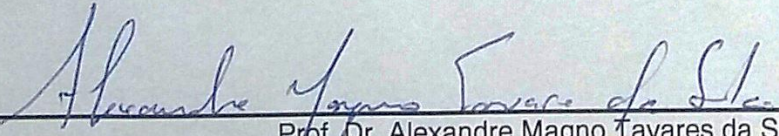
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito obrigatório para a
obtenção do título de graduação.

João Pessoa, 12 de Junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.(a) Dr.(a) Suelidia Maria Calaça


Prof.(a) Dr.(a) Quézia Vila Flor Furtado


Prof. Dr. Alexandre Magno Tavares da Silva

Dedico esta, bem como todas às minhas demais conquistas, aos meus amados pais José Manoel Damião e Luzinete Olimpio Correia Damião, a minha irmã Leonarda Olimpio Correia Damião, que falta vocês me fazem!!! e aos meus dois preciosos sobrinhos Pedro Filipe Olimpio Trajano, Pedro Henrique Olimpio Trajano, meus melhores e maiores presentes...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre esteve presente na minha vida, nas minhas decisões como amigo fiel e confidente.

Ao meu esposo, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A prof. (a) Dr.^a Suelidia Maria Calaça pela tutoria no Projeto de Educação Tutorial- Conexões de Saberes Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular a Universidade e pela orientação na elaboração deste trabalho.

A Universidade Federal da Paraíba, pela oportunidade de fazer o curso.

“Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de várias formas. O que importa é transformá-lo.”

(Karl Marx MARX, K., Teses Sobre Feuerbach.)

RESUMO

Este trabalho apresenta o perfil docente da Educação de Jovens e Adultos-EJA do município de João Pessoa- PB, a concepção sobre a modalidade na qual trabalham e o conhecimento dos mesmos acerca da Teoria da Proletarização. Impulsionado pela perda visível do sentido social do trabalho docente procuramos beneficiar tanto aos professores quanto aos alunos da modalidade com a investigação, pois havendo a ocorrência da Teoria da Proletarização do trabalho docente pode pensar meios de denunciar, minimizar, abrir-se para o debate sobre a problemática, e melhor seria caso fosse observado através da visão dos professores um conhecimento e reflexão na prática profissional a partir da teoria. Utilizando para coleta de dados, um questionário semiestruturado, classificada a pesquisa como quantitativa e qualitativa. Em sua maioria, os docentes pesquisados têm idade superior a 35 anos, são casados, com renda familiar entre 3 e 4 salários mínimos mensais, são estudantes oriundos de escolas e universidades/faculdades públicas tendo a formação mínima para exercer sua profissão. Tais docentes tem uma concepção a partir do senso comum sobre a modalidade na qual trabalham, como também desconhecem a Teoria da Proletarização.

Palavras-chaves: Teoria da Proletarização. Educação de Jovens e Adultos. Profissão Docente.

ABSTRACT

This work presents the teaching profile of the Education of Young and Adults - EJA of the municipality of João Pessoa, Brazil, the conception about the modality in which they work and their knowledge about the Theory of Proletarianization. Encouraged by the visible loss of the social meaning of the teaching work, we try to benefit as many teachers as the students of the modality with the investigation, because if the Theory of Proletarianization of teaching work occurs, it can think of means of denouncing, minimizing, opening itself to the debate about the problem, and it would be better if it were observed through the view of teachers a knowledge and reflection in professional practice from the theory. Using for data collection, a semi-structured questionnaire, classified the research as quantitative and qualitative. Most of the teachers surveyed are over 35 years of age, are married with a family income of between 3 and 4 monthly minimum salaries, are students from schools and public universities / colleges having the minimum training to practice their profession. Such teachers have a conception based on common sense about the modality in which they work, as they are also unaware of the Theory of Proletarianization.

Keywords: Theory of Proletarianization; Youth and Adult Education; Occupation Teacher

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 01- Nomes e Endereços das Escolas Pesquisadas.....	28
Gráfico 01- Disciplina/Ciclo da Atuação Docente	33
Gráfico 02- Renda Familiar	34
Gráfico 03- Tipo de Escola.....	35
Gráfico 04- Tipo de Universidade/ Faculdade	35
Gráfico 05- Titulação	35
Gráfico 05- Anos de Experiência na EJA	36
Gráfico 07 Conhecimento sobre a Teoria da Proletarização	37
Gráfico 08- Horas Trabalhadas Semanalmente	37
Gráfico 09- Trabalho em outra Escola.....	38
Gráfico 10- Ocorrência da Teoria da Proletarização no Cotidiano	39
Gráfico 11- Existência de uma Relação entre a EJA e a Teoria da Proletarização	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A HISTÓRIA DO TRABALHO	13
2.1 Histórico do Trabalho	13
2.2 Modelos Produtivos	14
2.3 Trabalho Docente	15
2.4 Luta de Classes	18
2.5 Teoria da Proletarização	20
3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA	23
3.1 Histórico da EJA	24
3.2 Paulo Freire	25
4. A METODOLOGIA DO TRABALHO	26
4.1 Tipo e natureza da pesquisa	27
4.2 Locais da pesquisa	27
4.3 Universo da pesquisa	28
4.4 Instrumentos de coleta de dados	31
4.5 Procedimentos para análise e discussão dos dados	32
5. A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA ACERCA DA TEORIA DA PROLETARIZAÇÃO.....	33
5.1 Perfil do Docente	33
5.2 Visão acerca da modalidade EJA.....	36
5.3 Conhecimento sobre a Teoria da Proletarização	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICES	44
Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento- TCLE.....	45
Questionário	46

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa saber qual a visão dos professores da rede pública de João Pessoa acerca da Teoria da Proletarização na modalidade de Educação de Jovens e Adultos- EJA.

A aproximação desse tema surge a partir das atividades desenvolvidas, principalmente, as práticas educativas e a formação dada aos professores da rede estadual e municipal da cidade de João Pessoa, realizadas pelo Projeto PET- Conexões de Saberes Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular a Universidade, que participamos como bolsista desde o semestre 2014.2.

A Educação de Jovens e Adultos- EJA no Brasil surgiu nos Movimentos Populares para alfabetização dos camponeses distantes das áreas urbanas. As metodologias usadas nesse primeiro momento eram significativas, ou seja, passavam pelas vivências diárias dos alunos adultos. Quando o governo propôs uma educação formal para adultos, a alfabetização utilizou-se muito dos processos destinados às crianças, situação que permanece até os dias atuais.

A infantilização é apenas um dentre tantos problemas encontrados na modalidade EJA na escola formal. Destacamos principalmente a inexistência de uma formação nas licenciaturas para atuar nesta modalidade. Estes profissionais, vindos de diferentes licenciaturas como vão atuar nessa modalidade? A maioria aprende e tem a vivência apenas na educação bancária, tida como a verdadeira por eles no momento de sua prática docente e a promoverão na modalidade EJA que causará o aumento do fracasso escolar do aluno, já prejudicado anteriormente no processo de escolarização.

Além disso, se convencionou no senso comum um preconceito de inferioridade acerca dos sujeitos envolvidos com a EJA, tanto os professores quanto os alunos da modalidade, e no meio acadêmico também. Há indícios que são esses profissionais que se tornam aqueles que desacreditam na modalidade EJA e promovem uma desvalorização tanto dos alunos quanto dos profissionais que frequentam e/ou defendem a EJA. Acreditamos que tal comportamento se justifica pela ocorrência da Teoria da Proletarização desconhecida pelos professores dessa modalidade.

O foco deste trabalho concentra-se no conhecimento dos professores da EJA sobre a Teoria da Proletarização, sendo este o objetivo geral. Traçar o perfil dos profissionais pesquisados e a visão dos mesmos sobre a modalidade são os objetivos específicos. Pretendemos assim observar se existe a reflexão do profissional docente segundo a teoria eleita. Proporcionando ainda uma indagação aos professores que a desconhecem.

A pesquisa realizada com professores das escolas municipais e estaduais da cidade de João Pessoa, especificamente todas as escolas do bairro Mangabeira que oferecem a Educação de Jovens e Adultos, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário semiestruturado. Procuramos com esse trabalho beneficiar tanto aos professores quanto aos alunos da modalidade com a investigação, pois havendo a ocorrência da Teoria da Proletarização do trabalho docente pode pensar meios de denunciar, minimizar, abrir-se para o debate sobre a problemática, e melhor seria caso fosse observado através da visão dos professores um conhecimento e reflexão na prática profissional a partir da teoria.

Estruturamos esse trabalho em quatro partes: na primeira apresentamos uma discussão sobre o trabalho em subtítulos sobre a Origem do Trabalho, os Modelos Produtivos do Sistema Capitalista, Trabalho Docente, Lutas de Classes e Teoria da Proletarização. Na segunda parte, abordamos um breve histórico da Educação de Jovens e Adultos- EJA e destacamos a contribuição do professor Paulo Freire para EJA. Na parte 3 trouxemos a metodologia estruturante da pesquisa. E na quarta parte apresentamos a pesquisa realizada em três subtítulos cada um contempla um dos objetivos desse trabalho.

Constatamos que os professores desconhecem a Teoria da Proletarização sendo impossível refletirem sobre a mesma. Quanto ao perfil dos pesquisados são, em sua maioria, oriundos de escolas e universidades/faculdades públicas, tem estado civil de casado, idade superior a 25 anos e renda familiar entre 3 e 4 salários mínimos. Apresentam uma visão oriunda do senso comum sobre a modalidade de educação na qual trabalham.

Esperamos que a reflexão aqui apresentada possa contribuir para formação inicial dos docentes, assim como na formação continuada dos profissionais já atuantes, especialmente na Educação de Jovens e Adultos.

2. A HISTÓRIA DO TRABALHO

As relações entre o homem e o meio natural apresentam uma dinâmica pela necessidade ou desejo do homem de mudança, e quando me refiro ao homem, na verdade, reporto-me ao ser humano, abrangendo os seus gêneros. A necessidade e/ou desejo por algo ocasiona o trabalho, ou seja, o esforço de obtenção da mudança pretendida. Se outrora, o trabalho libertava, dignificava e realizava o homem, no sistema capitalista, este se vê apenas como reprodutor de técnicas, capacitado apenas com o conhecimento polivalente das atividades que visa desenvolver, não há mais brechas para o desejo para o trabalho, desejo como ideologia, resta apenas o sentido da necessidade deste, isto para o proletariado.

2.1 Históricos do Trabalho

Segundo ALBORNOS (2006), o trabalho surge da necessidade do homem mudar o meio ambiente para sua sobrevivência passando do primeiro estágio, no qual se resumia a colher, pescar e caçar. Não havia excedente ou a necessidade de acumulação de riquezas. A partir da agricultura fora superado o nomadismo, e uma nova fonte de alimentos propiciou uma expansão numérica de indivíduos. Propiciando a noção de propriedade, de produto excedente e, assim, do sistema de troca.

A autora afirma que a noção de propriedade originou uma classe social ociosa, a parte trabalhadora da população desenvolveu o trabalho artesanal, chegando ao comércio pela moeda. Surge a sociedade burguesa, criando uma hierarquia social com critério na quantidade de posse do dinheiro e que determina mesmo agora no sistema capitalista as formas como se realiza o trabalho.

Conta ainda que sociedade burguesa ampliou a produção de materiais através da utilização de conhecimentos da natureza e dos fenômenos físicos, mas também através da quantidade e da qualidade do trabalho dos trabalhadores.

2.2 Modelos Produtivos

Os modelos produtivos fabris são o Taylorista- Fordista e o Toyotista. Esses modelos surgem da busca pelo lucro, inicia-se com a “administração científica do trabalho” criado por Frederick Winslow Taylor. Através dos resultados obtidos pelos experimentos, propôs uma reorganização por meio de controles mecânicos do ritmo e da velocidade do trabalho.

O taylorismo e o fordismo são os sistemas que, pela primeira vez, introduzem sistematicamente a mudança na organização do trabalho como instrumento para aumentar a produtividade. [...], o sistema taylorista-fordista altera a organização do trabalho para obter resultados superiores. É, então, um exemplo clássico de intensificação por reorganização do trabalho na ausência da revolução tecnológica. (DAL ROSSO, 2008)

Em 26 anos de experimentos realizados, Taylor objetivou aumentar a produtividade do trabalho, alterando a ação do trabalhador. Porém, reconheceu a necessidade da criação de novos cargos para vigilância do ritmo do trabalho na fábrica, além do supervisor já existente.

O próprio Taylor reconhece que o antigo supervisor precisa ser substituído por oito pessoas e lista suas tarefas: “o inspetor, o chefe de equipe, o chefe da velocidade, o chefe dos reparos, o assistente de tempo, o assistente de rotinas, o encarregado da disciplina, o professor” (DAL ROSSO, 2008)

John Ford modernizou o método Taylorista introduzindo a esteira de produção, dispensando todos os cargos de controladores que burocratizava a produção. Segundo DAL ROSSO (2008), o Taylorismo-fordismo é o método de produção utilizado no mundo inteiro, entre 1920 e 1970.

O modelo de produção Toyotista, criado por Taiichi Ohno, critica a superprodução do modelo fordista que batia recordes de produção, em vista das condições de baixo crescimento econômico da época.

Daí a ideia de produzir a tempo justo, isto é, somente aquilo que o mercado consome, exatamente no momento e na quantidade em que for necessário. Essa noção de produção a tempo justo tem diversas implicações. Ela, por exemplo, pode

levar a que os estoques praticamente cheguem a zero- estoque zero. Encomendas às empresas associadas de acordo com a necessidade e a produção de peças, componentes e equipamentos são feitos apenas somente na medida do necessário. (DAL ROSSO, 2008)

A automação das máquinas, ou seja, revolução tecnológica está presente no Toyotismo. As máquinas inteligentes precisam apenas de um funcionário polivalente, os números de trabalhadores diminuem, e o mesmo não precisa ser especializado.

A medida que essas diversas máquinas realizavam tarefas, diferentes, o trabalhador não cabe mais no sistema. É preciso requalificá-lo de modo que o operário deixe de ser especializado e passe a ser um trabalhador polivalente, que conhece e realiza diversas atividades ao mesmo tempo.[...] A polivalência implica um componente a mais de intensificação, à medida que requer um esforço adicional de trabalho mental, conhecimento de operações diversas, sua lógica, trabalho emotivo, concentração e atenção no controle de máquinas diversas.(DAL ROSSO, 2008)

Mas, na verdade, a automação cumpre o papel da esteira rolante do modelo Taylorista-fordista, ou seja, dita o ritmo e a velocidade do trabalho. Segundo autor citado acima, o tempo livre é tomado pelo trabalho, estendendo-se aos serviços públicos e privados, presentes em todas as esferas da economia.

2.3 Trabalho Docente

Sabemos que na prática do dia-a-dia são muitos os papéis desempenhados pelos professores e vão facilmente além dessas incumbências previstas em lei para os profissionais refletidores, conscientes da importância da sua profissão.

A Lei 9493-96, Lei de Diretrizes e Base da Educação- LDB, no seu 13º artigo, estabelece essas incumbências para os professores:

I- participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;

- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Destacaremos o inciso 3º e 4º. No inciso 3º, a incumbência do professor é a de zelo pela aprendizagem do aluno, ou seja, um cuidado, uma atenção. Diferentemente do verbo responsabilidade, que seria a obrigatoriedade de responder pela aprendizagem do aluno. No entanto, acreditamos que a responsabilidade do professor está em garantir um ensino de qualidade para que ocorra a aprendizagem e em um segundo momento, um zelo pela aprendizagem.

No tocante ao inciso 4º, a colaboração dos professores na articulação com as famílias e a comunidade, orienta o trabalho do professor para além dos conteúdos disciplinares. A articulação com a família pode fazer com que esse profissional entenda o contexto no qual vive seu aluno, orientar sua prática docente para um conteúdo mais significativo para este, como também entender e colaborar para melhoramento e desenvolvimento da comunidade onde está localizada a escola.

Para Veiga (2008, p.13), docência é o trabalho dos professores; na realidade, estes desempenham um conjunto de funções que ultrapassam a tarefa de ministrar aulas. E ultrapassam consideravelmente, na educação de jovens e adultos, pois os alunos desta modalidade buscam um direito que lhe fora negado, e enquanto adulto, a cultura escolar parece um desafio adicionado aos demais envoltos no seu regresso ao processo de escolarização.

Marques salienta que:

A profissão (docente) é concebida não somente como compromisso social solidário, mas como atividade que coloca homens em determinados sistemas de relações materiais, sociais, econômicas, culturais e éticas, e num patamar de exigências do saber técnico científico (MARQUES *apud* PAPI, 2005).

Então, torna-se a prática docente mais um elemento para o sucesso social do aluno, o que denomino de perspectiva do professor. Ou seja, uma perspectiva confiante do professor é concretizada na sua prática com as mais variadas metodologias que alui no aluno preconceitos e promove concepções mais elaboradas. No livro, *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, no subtítulo *Ensinar Exige Estética e Ética*, destacamos:

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, entre nós, mulheres e homens [professores (as)] é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o caráter formador. (2013).

Reiteramos assim a perspectiva não capitalista do trabalho docente a qual visa uma educação integral, plena, emancipatória que desenvolva no sujeito a criticidade nas atuações sociais, difícil de ocorrer no trabalho docente capitalizado. “Neutra, “indiferente” a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser”. (FREIRE, 2013).

Os alunos da modalidade EJA são socialmente excluídos por muitos motivos, por ainda serem analfabetos ou semialfabetizados, por terem pouco poder aquisitivo, já que têm uma baixa escolarização, entre tantas outras exclusões.

Os professores propiciadores da incredulidade na modalidade da EJA, dentro da Teoria da Proletarização passam pela desprofissionalização, ou seja, a subtração de sua autonomia, o impedimento de atuar com práticas inovadoras e assertivas. Esse tipo de professor assevera,

[...] a teoria da proletarização, de fundamentação Marxista, que se baseia na semelhança entre trabalho do professor e o trabalho do operário. Segundo essa teoria, os professores, enquanto trabalhadores intelectuais do setor de serviços, estão passando por um processo de desprofissionalização que subtrai sua autonomia, na medida em que diminui a qualificação desses profissionais e a sua participação nas funções conceituais do trabalho são também diminuídas. (PAPI, 2005, p.25).

Quando o professor perde os propósitos sociais do trabalho, ou seja, a credibilidade da importância social de suas atividades, na modalidade de ensino que compõe, ou nos alunos, houve na verdade uma perda ideológica do sentido do trabalho desse profissional. Ele não terá autonomia para incitar os alunos ao conhecimento pleno, pois desconhece, e ao menos imagina, que caminho percorrerá para conseguir.

Agrava-se a situação quando esse professor, não fazendo nenhum esforço para conseguir o sucesso do aluno, se enrijece de argumentações ideológicas para afirmar como correta sua postura de acomodação diante dos desafios da profissão.

[...] a proletarianização [...] dos profissionais deu-se no campo ideológico, levando a uma resposta acomodatória, a qual pode se dar de duas maneiras: pela dessensibilização ideológica, em que não se reconhece a importância da perda de controle sobre o conjunto de valores e o fim social do seu trabalho, passando-se a valorizá-lo do ponto de vista técnico; ou ainda, a resposta acomodatória pode se dar pela cooptação ideológica, ou seja, pela reformulação dos fins e objetivos morais, de forma que estejam em consonância com os estabelecidos pela organização para a qual se trabalha, acreditando-se, dessa maneira, que são coincidentes com o seu. (PAPI, 2005, p.26)

Na formação dos profissionais da educação deve se observar a Teoria da Proletarianização, fundamentando o indivíduo, o futuro professor da importância de sua prática docente. A conscientização da relevância do transpor das incumbências da profissão docente torna mais consistente e significativa a aprendizagem do aluno. Esse, para além, se impulsiona na e da vivência do professor, seja social, acadêmica, ou enquanto ainda aluno teve em sua formação professores como exemplo, que foram para além das incumbências previstas. Neste sentido, a compreensão da luta de classes é importante.

2.4 Luta de classes

Karl Marx apresenta a luta de classes como sendo o motor da história, através das disputas entre elas ocorreram as mudanças do sistema sociais até chegar ao Capitalismo, no qual vivemos também divididos em classes sociais:

burguesa, detentoras dos meios de produção; e na classe proletária, que vende sua força de trabalho.

A história de todas as sociedades existentes até hoje tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, têm permanecido em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa guerra ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária de toda sociedade, ou pela destruição das duas classes em luta. (MARX, Karl e ENGELS, Friedrich *apud* COSTA, 2005)

Desde o início da mais primitiva sociedade humana existe a luta entre os indivíduos desta. Ainda mais visível, persistente e discutida na sociedade capitalista.

As classes sociais formadas no capitalismo – burgueses e proletários – estabelecem intransponíveis desigualdades entre homens e relações que são, antes de tudo, de antagonismo e exploração. A oposição e o antagonismo derivam dos interesses entre as classes – o capitalista desejando preservar seu direito à propriedade dos meios de produção e dos produtos e à máxima exploração do trabalho do operário, pagando baixos salários ou ampliando a jornada de trabalho. O trabalhador, por sua vez, luta contra a exploração, reivindicando menor jornada de trabalho, melhores salários e participação nos lucros que se acumulam com a venda daquilo que ele produziu. (COSTA, 2005)

O trabalhador luta quando não alienado, ou seja, quando se percebe como explorado pelo capitalista. Para Hegel e Feuerbach, a alienação surge no sentido de desumanização e injustiça, posteriormente, esse conceito é absorvido por Marx.

Alienado, separado e mutilado, o homem só pode recuperar a integridade de sua condição humana pela crítica radical ao sistema econômico, à política e à filosofia que o excluíram da participação efetiva na vida social. (COSTA, 2005)

Ao passo que o homem inicia suas reflexões, suas críticas, e a atuar pela melhoria do seu habitus, para Bourdieu e Passeron (1982), opções e características sociais que aproxima ou separa os indivíduos, torna-se sujeito social e histórico. No livro, *Pedagogia do Oprimido* do professor Paulo Freire, a relação entre opressores e oprimidos é relatada, evidencia uma forma de

superação da opressão sofrida pelo sujeito, ou seja, quando ocorre a desalienação do indivíduo a práxis difundida por Freire é evidenciada nos sujeitos não alienados. E por ser sujeito de práxis foi exilado do Brasil no período da Ditadura Militar acusado de comunismo, contudo, sua obra repercute em todo mundo.

2.5 Teoria da Proletarização

A teoria eleita surge da fundamentação marxista. Quando é implantada nas escolas o rigor da domesticação do corpo para o trabalho fabril, como horários fixos, rotinas e obediência cega, destinada para educação dos filhos dos proletários. Enquanto, aos herdeiros da burguesia se destinava uma educação de cunho filosófico e a promoção do ócio.

A incorporação de conceitos de competência, habilidades quando o Estado regula e oferece uma instrução a população, o professor passa a ser assalariado com subordinação a administração da escola. O controle total da atividade docente exercida enquanto profissional livre é perdida, e passa a ser vendida como mais-valia.

Segundo Enguita (1989), um proletário, por conseguinte, é um trabalhador que perdeu o controle sobre os meios, o objetivo e o processo de seu trabalho. Na articulação do Estado para ofertar uma instrução ocorre a determinação de matérias, temas, tempo para aprendizagem, fazendo com que o docente perca o controle do seu trabalho.

A administração determina as matérias que deverão ser dadas em cada curso, as horas que serão dedicadas a cada matéria e os temas de que se comporá. Em outras palavras, o docente tem perdido progressivamente a capacidade de decidir qual será o resultado de seu trabalho, pois esteja lhe chega previamente estabelecido em forma de disciplinas, horários, programas, normas de avaliação, etc. (ENGUITA, 1991)

Logo, como vivemos em uma sociedade capitalista, houve a abertura de escolas privadas para a burguesia que buscava uma educação mais intelectualizada para assumir postos de liderança. O valor excedente do trabalho do professor nessas instituições de ensino privado, tem por objetivo a

comercialização da educação, vendida como produto, na qual, o educador é o operário. As normas e instruções dadas aos professores moldam o produto imaterial que os clientes, alunos ou familiares estão comprando.

Numa outra veia, os docentes, como a grande maioria dos trabalhadores assalariados, produzem um sobretrabalho e, tratando-se do setor privado, uma mais-valia, da qual se apropriam seus empregadores. A velha discussão entre marxistas sobre se os docentes são trabalhadores "produtivos" ou "improdutivos" carece inteiramente de sentido. Em primeiro lugar, porque desde o momento em que, como assalariados do setor privado, permitem a seus empresários embolsarem uma quantidade de dinheiro superior ao que lhes custam, já produzem uma mais-valia, independentemente de que o resultado de seu trabalho seja um bem ou um serviço (Fernandez Enguita, 1985); quanto aos do setor público, não podem produzir nem deixar de produzir mais-valia porque não produzem valor, já que o setor público não produz para o mercado. Em segundo lugar, ainda que fosse ao contrário isso não modificaria suas condições de trabalho nem suas relações sociais de produção. A categorização dos trabalhadores do setor capitalista e a análise das relações sociais de produção em que estão imersos é função de seu lugar no processo material de produção, não no processo de valorização. (ENGUITA, 1991)

O produto do trabalho docente é imaterial, tal condição pode ser causa da manutenção do *status* de intelectual dessa classe profissional. Intelectuais esses que não dispunha de ócio suficiente para a reflexão da própria realidade, por culpa do tempo dedicado a atividade remunerada realizada para o sustento próprio e da família.

Por mais que os docentes assalariados do Estado, servidor público ou contratado, não produza mais-valia, estão submetidos as mesmas condições de trabalho dos empregados em empresas privadas de ensino.

O mais importante, sem dúvida, é a natureza específica do trabalho docente, que não se presta facilmente à padronização, ou fragmentação extrema das tarefas, nem à substituição da atividade humana pela das máquinas - ainda que esta última seja tão cara aos profetas da tecnologia. (ENGUITA, 1991)

A especificidade da atividade remunerada docente permite o diferencial da atividade remunerada fabril. Uma exemplificação seria a perda do posto de trabalho para máquinas, situação que ocorre no modelo de produção capitalista que vivenciamos. Apelamos para dificuldade da padronização e da

fragmentação das tarefas realizadas pelos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Na padronização atual do ensino médio existe um tremendo retrocesso, mesmo que campanhas publicitárias induza a população a deduzir uma ruptura da dicotomia educacional de classe social existente. Há um maior distanciamento da educação tecnicista, para os subtrabalhos e da educação pensada como plena, a qual garante melhor posto de trabalho, e ainda continuamos esperando pela dificuldade de padronização e fragmentação do ser docente.

A reflexão sobre a importância da atividade docente em seu aspecto social e as condições do trabalho docente proletarizado ainda na formação inicial nos cursos de licenciaturas poderia contribuir para melhor formação docente.

A análise da "proletarização" dos docentes interpreta, portanto, a degradação das condições de trabalho no ensino e a criação de resistências pelo professorado frente, ao Estado, enquanto agente "racionalizador", como processos que equiparam sua situação a dos trabalhadores industriais e que os assimilam (ou pode chegar a assimilá-los) à classe operária. (JÁEN, 1991)

Sabendo de tais condições de trabalho seria possível armasse de resistências junto aos seus pares nos mais diversos espaços de trabalho. Tal aproximação e visão de mundo colaborariam com a promoção de uma educação emancipadora para todos envolvidos na ação docente refletida.

Alguns teóricos positivam a aproximação dos docentes a classe operária tendo em vista a organização de benefícios para ambos no companheirismo junto a resistência.

Quando qualificamos o enfoque dos teóricos como Apple, Lawn, Ozga, etc., de "otimista", referimo-nos especialmente à visão que sustentam de que as resistências dos educadores constituem, seja uma "experiência histórica" que os unifica ao proletariado (no sentido apontado por Lawn e Ozga), seja uma manifestação de uma "aproximação" dos interesses destes agentes aos da classe operária (tal como defende Apple) que, por isso, facilmente se identificarão com suas posições políticas e ideológicas. (JÁEN, 1991)

Destacamos o trabalho docente similar ao trabalho fabril quando o docente não reflete sua prática e acata uma das respostas acomodatórias, a

dessensibilização ou a cooptação ideológica. Há indícios que na Educação de Jovens e Adultos a dessensibilização ideológica aparece em jargões preconceituosos, falado por muitos e inclusive pelos próprios professores, sobre a capacidade de aprendizagem dos sujeitos da modalidade, enquanto a cooptação acontece pela deturpação das especificidades da EJA.

O trabalho docente, mesmo que assalariado, permite a desalienação dos educandos, quando o professor possuir práxis. Essa fluidez de estar, mas, não ser proletário, apelando para a intelectualidade do sujeito docente previa-se a Revolução da classe operaria para o rompimento do sistema opressor.

Em seguida trazemos um pouco da trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.

3. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA

Na Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Educação de Jovens e Adultos está disposta na Seção V, garantindo assim sua oferta nos processos da educação formal como uma modalidade de ensino. Sendo que o Art.37 define o perfil dos sujeitos a terem acesso a tal modalidade, ou seja, pessoas que não tiveram acesso ou puderam continuidade seus estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Há ainda, nesta modalidade de ensino, uma especificidade própria explicitada no Art.38, da mesma Lei 9394/96:

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Os cursos e exames supletivos são questionados quanto à eficácia de aprendizagem desse jovem e adulto, pela possibilidade de o aluno apenas decorar os conteúdos para serem aprovados nos exames e pela inexistência de um espaço como a sala de aula para formação integral do sujeito. Porém, essa especificidade da modalidade é assegurada pelo princípio I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, do Art.3º da mesma lei.

Sendo cursos e exames supletivos uma forma de garantir acesso e permanência na escola do jovem e adulto, assim, como também garantir o direito a educação, prevista na Constituição vigente.

O aluno da EJA busca a certificação da educação básica para alcançar melhores postos de trabalho, e muitas vezes se percebem explorados nas relações de trabalho. Mas, para além do fazer docente pode e deve ser realizado também nessa busca do aluno pela sua certificação entre conversas com indagações que o leve a uma profunda reflexão.

3.1 Histórico da EJA

Segundo FAVERO, em 1938, foi apresentado o primeiro trabalho sobre a Educação de Adultos no Brasil, isso por que foram recuperados estudos da Psicologia que afirmavam a capacidade de os adultos aprenderem, pois, até então, havia um consenso da negativa. Mais tarde os estudiosos percebem a necessidade de uma metodologia de ensino especial, que pudesse ter o respeito e o aproveitamento dos saberes e da heterogeneidade dos jovens e adultos.

O autor conta que em 1947, ocorreu a primeira Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos- CEAA assumindo uma educação de base. Em 1961, há a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no ano seguinte a aprovação do Plano Nacional de Educação.

No II Congresso Nacional de Educação de Adultos (1958), no discurso de abertura, o então presidente Juscelino Kubsticheck fala da educação de adultos como solução para o desenvolvimento econômico, enquanto na comissão preparatória do mesmo congresso, em Pernambuco, Paulo Freire como relator, questiona a prioridade da educação oferecida ao jovem e adulto e propõe um trabalho educativo construído pelo sujeito, e não imposto ou dado.

Dois anos após o II Congresso Nacional de Educação de Adultos ocorre a implantação de vários movimentos populares como Movimento de Cultura Popular- MCP (1960); Centro popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes- UNI (1961); Campanha de Educação Popular da Paraíba-

CEPLAR (1962) entres outros. A inovação da alfabetização na perspectiva da conscientização proposta por Freire, o seu sistema de alfabetização tornou-se a melhor metodologia educativa para jovens e adultos.

3.2 Paulo Freire

O professor Paulo Freire é brasileiro, pernambucano, nascido no dia 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e de Edeltrudes Neves Freire. Em 1943 ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Em 1944 se casou com Elza Maria Costa de Oliveira com quem teve cinco filhos. Depois de formado trabalhou como professor de português no Colégio Oswaldo Cruz e de Filosofia da Educação na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco.

Preocupado com o grande número de adultos analfabetos na área rural dos estados nordestinos, que formavam um grande número de excluídos, Paulo Freire desenvolveu um método de alfabetização baseado no vocabulário do cotidiano e da realidade dos alunos. As palavras eram discutidas e colocadas no contexto social do indivíduo. [...]. A partir das palavras base, ia se construindo novas palavras e ampliando o vocabulário. (FRAZÃO, 2017)

A contribuição de Paulo Freire à educação mundial ultrapassa a capacidade de codificação e decodificação da escrita, propõe um ser mais, expressão que várias vezes explicou em vida, a qual seria a busca da dignidade e humanidade do homem. Perceber a partir da própria leitura de mundo as relações de opressão que vive, e articular ferramentas para ruptura de tais relações.

Paulo Freire contribuiu para a criação de uma pedagogia que privilegia o desenvolvimento da consciência crítica e estabelece uma nova relação entre professor-aluno colocando as bases de uma pedagogia crítica e libertadora, tratando o analfabetismo como problema social, que só será resolvido com um profundo processo de mobilização social. (FEITOSA, 1999)

No livro, O que é método Paulo Freire, Carlos Rodrigues Brandão explicita o método e relata as experiências de alfabetização realizadas pelo mestre. Especificamente, no subtítulo, Contra o quê? Em nome do quê? Brandão norteia a proposição da educação realizada por Freire.

A consciência do povo é invadida de muitos modos pelos símbolos do saber de quem o oprime através do trabalho. No entanto, invadida, ela não foi conquistada. Por isso é legítimo pensar no poder de uma outra educação. (2011)

A Lei nº 12.612 de abril de 2002, declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Como mencionado, a história é um entrave entre as classes que compõem a sociedade, a opressora e a oprimida, em 2017, é elaborado um projeto de lei com objetivo de destituir tal título ao professor Freire, nitidamente trata-se da classe dominante querendo manter o poder desmerecendo o pensamento e as contribuições de personalidade ícone da educação do nosso tempo. Enfraquecer o pensamento crítico do sujeito e aliená-lo não passa de manobras dos opressores para manterem uma dominação.

A Teoria da Proletarização eleita para nortear este trabalho, o qual apela para o entendimento do docente da importância da concepção social do seu trabalho para romper com a opressão sofridas pelo proletário, seja o discente ou ele mesmo. Para aproximarmos dos objetivos pretendidos utilizamos a sistemática de metodologias abaixo.

4. METODOLOGIA DO TRABALHO

A aproximação com o tema ocorreu no componente curricular do curso de Pedagogia, na disciplina de Educação e Trabalho, na qual depois desempenhei a função de monitora voluntária por dois períodos letivos, juntamente com as atividades desenvolvidas no Projeto PET- Conexões de

Saberes Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular a Universidade, que participei como bolsista do semestre 2014.2 até o semestre passado.

Em subtítulos esclareceremos a metodologia estruturante utilizada na pesquisa como: o tipo e natureza, o local de realização, o universo, o instrumento de coleta de dados, os procedimentos para análise e discussão dos dados, e as considerações éticas da pesquisa.

4.1 Tipo e natureza da pesquisa

Trata-se de uma Pesquisa Exploratória, segundo Gil (2006, p. 43), a pesquisa exploratória tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, a fim de formular problemas e/ou hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores.

Quanto aos procedimentos técnicos encaixa-se em uma Pesquisa Bibliográfica, “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008).

Enquadra-se ainda como uma Pesquisa de Campo, pois, iremos nas escolas que oferecem a modalidade, buscando explicações e interpretações do objeto da pesquisa, a visão dos professores da EJA acerca dessa modalidade de ensino, assim como o perfil do professor da EJA, e principalmente sobre seu conhecimento sobre a Teoria da Proletarização.

4.2 Local de realização da pesquisa

O local para desenvolvimento do trabalho se restringe a escolas que oferecem a modalidade da EJA. A amostra conta com 17 (dezessete) escolas tanto da rede municipal quanto estadual, das 161 existentes em João Pessoa-PB, sendo a amostra maior que 10% do universo pesquisado. As escolas escolhidas estão todas localizadas no bairro de Mangabeira, visando uma maior eficácia na aplicação do instrumento de coleta dos dados por residir no mesmo e a afirmativa quanto a ocorrência ou não do objeto estudado no maior bairro periférico da cidade pesquisada.

4.3 Universo da pesquisa

De acordo com dados do site QEdú, a cidade de João Pessoa-PB conta com 161 escolas que oferecem a modalidade EJA de rede municipal, estadual, federal ou privada. Sendo este nosso universo, a amostra que retiraremos será composta pelas escolas de modalidade EJA dos bairros de Mangabeira I, Mangabeira II, Mangabeira III, Mangabeira IV, Mangabeira V, Mangabeira VI, Mangabeira VII e Mangabeira VIII. A tabela abaixo, apresenta as escolas pesquisadas, e seus respectivos endereços.

	ESCOLA	ENDEREÇO
BAIRRO	MANGABEIRA 1	
1	Con. Luiz Gonzaga De Oliveira (EEEM)	Rua Jandui Dantas Bairro: Mangabeira I CEP: 58056140
2	Pedro Lins Vieira De Melo (EEEF)	Rua Francisco Pereira de Souza, 130, Utb 1057 Mangabeira I João Pessoa - PB CEP: 58055-440
3	EEEFM Comp. Luiz Ramalho	Rua Alfredo Ferreira Rocha, Utb 1111100 Conjunto Mangabeira I João Pessoa - PB CEP: 58055-541
4	EEEF Prof. Maria De Fatima Souto	Rua Jose Gomes de Souza, Utb 1102900 Mangabeira I João Pessoa - PB CEP: 58055-420
5	EMEF Virginius da	Rua Comerciante Antônio de Souza

	Gama e Melo	Lima, 30 Mangabeira - I_ João Pessoa - PB CEP: 58055-060(83) 3238-5464
BAIRRO	MANGABEIRA 2	
6	Professora Maria Jacy Costa (EEEFM)	Rua Dráuzio Ferrer, Utb 11043 <u>Mangabeira II</u> João Pessoa - PB CEP: 58057-360
7	David Trindade	Rua José Mendonca de Araújo, 88 Conjunto Mangabeira Prosind_ João Pessoa - PB CEP: 58056-380
8	Feminino Maria Julia Maranhão (CE)	Avenida Cel. Benevenuto Goncalves da Costa Mangabeira II_ João Pessoa - PB CEP: 58056-020
9	João Roberto Borges De Souza (EEEFM)	Rua Osorio Milanez Filho, 241, Utb 11026 Mangabeira II João Pessoa - PB CEP: 58056-280
BAIRRO	MANGABEIRA 4	
10	Luiz Vaz de Camões	Avenida Josefa Taveira Mangabeira IV_ João Pessoa - PB CEP: 58055-000

11	EEEF Prof. Rita De Miranda Henriques	Rua Francisco Porfirio Ribeiro, Utb11097 Conjunto Mangabeira IV_ João Pessoa - PB CEP: 58057-100
BAIRRO	MANGABEIRA 6	
12	Zumbi Dos Palmares (EMEF)	Rua Rita Xavier de Oliveira Mangabeira VI João Pessoa - PB CEP: 58055-020
BAIRRO	MANGABEIRA 7	
13	Índio Piragibi	R. Beatriz Maria de Oliveira, s/n - Mangabeira VII, João Pessoa - PB, 58058-320
14	Professor Joao Gadelha De Oliveira Filho (EMEF)	Rua Ivan de Assis Costa, 108 Mangabeira VII_ João Pessoa - PB CEP: 58055-720 <u>(083) 3238-6904 //</u> <u>3213-0090</u>
15	Professor Jose Baptista De Mello (EEEFM)	Rua Manoel Ângelo de Oliveira, Utb 11042 Mangabeira VII João Pessoa - PB CEP: 58058-200
BAIRRO	MANGABEIRA 8	
16	Borges Da Fonseca (EEEF)	Avenida Coronel Calixto Cidade Verde, Utb 1108 Mangabeira VIII_

		João Pessoa - PB CEP: 58055-000
17	Severino Dias De Oliveira Mestre Sivuca (EEEFM)	Rua Flor de Iris, Cidade Verde Mangabeira VIII João Pessoa - PB CEP: 58059-744

Tab.01- Tabela com Nomes e Endereço das Escolas Pesquisadas

Durante a aplicação dos questionários, 05 escolas não ofereciam mais a modalidade pesquisada, entre elas, a E.M.E.F. Professor João Gadelha de Oliveira Filho, a E.M.E.F. David Trindade, a E.E.E.F.M. Professora Maria Jacy Costa, Virginius da Gama e Melo, e a E.E.E.F. Prof. Maria De Fatima Souto, informação cedida pelos porteiros das escolas e confirmadas posteriormente, por telefone, pela secretária escolar. Não tivemos acesso aos professores da escola Feminino Maria Julia Maranhão por se tratar de uma unidade prisional que oferece educação em troca da redução de pena. Nas 11 escolas restantes aplicamos o instrumento de coleta de dados elaborado.

4.4 Instrumentos de coleta de dados

O instrumento escolhido para coletar os dados foi um questionário semiaberto, por tratar-se de uma técnica de baixo custo, garante anonimato, bastante confiável, deixa um tempo em aberto para se pensar nas questões. “Podem ser desenvolvidos para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstancia da vida do cidadão, e outras questões” (BARBOSA, 2008).

O questionário conta com nove questões fechada sobre dados pessoais e outras nove questões fechadas e abertas sobre a profissão e a Teoria da Proletarização, totalizando 18 questões. O Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) foi impresso no questionário para o pesquisado assiná-lo.

4.5 Procedimentos para análise e discussão dos dados

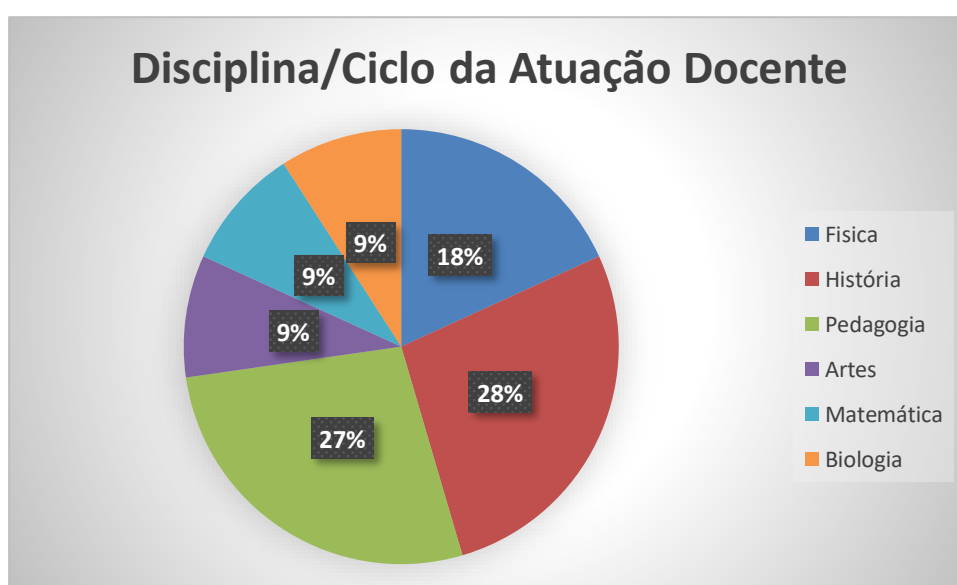
A análise dos dados foi feita através da reflexão de gráficos construídos a partir das informações do instrumento de coleta de dados, os questionários respondidos. Para a discussão dos dados trouxemos toda experiência do referencial teórico adotado.

5. A VISÃO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS- EJA ACERCA DA TEORIA DA PROLETARIZAÇÃO

Nesta parte do trabalho, apresentaremos as informações obtidas através dos questionários aplicados junto aos docentes da EJA nas escolas públicas estaduais e municipais de João Pessoa-PB, especificamente do bairro Mangabeira. Tais dados permitiram traçar um perfil dos docentes da EJA, identificar sua visão sobre a modalidade de ensino na qual trabalham e seus conhecimentos acerca da Teoria da Proletarização.

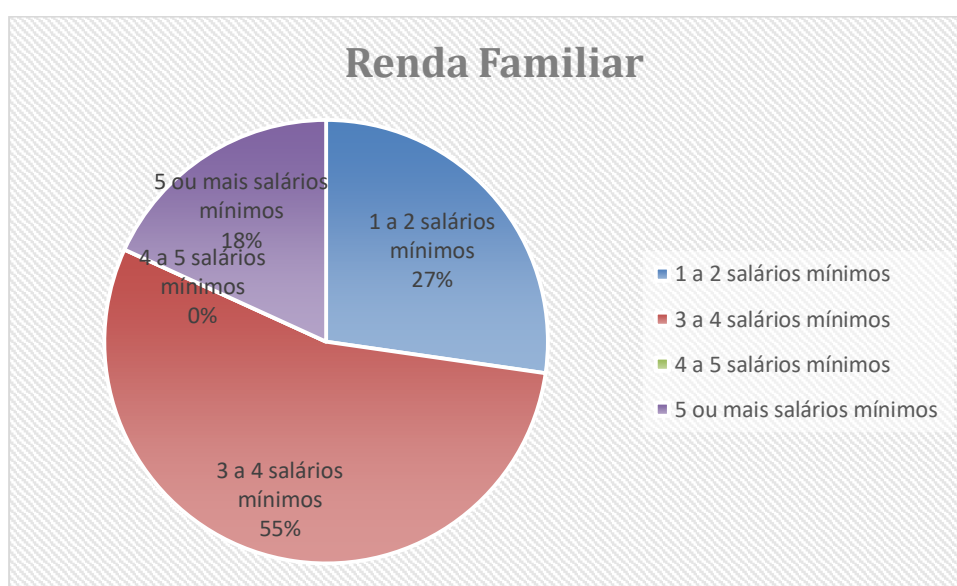
5.1 Perfil Docente

Traçado o perfil dos docentes participantes da pesquisa, as amostras contam com 05 representantes do sexo masculinos e 06 do sexo feminino, totalizando 11 indivíduos, e respectivamente 11 escolas entre estaduais e municipais que oferecem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos- EJA no município de João Pessoa- PB. Podemos afirmar que a maioria desses docentes pertencem ao campo das ciências humanas, sendo 64% e 36% das ciências exatas, adicionando a disciplina de biologia na percentagem de exatas, sendo possível observar no gráfico abaixo.



Gráf. 1- Disciplina/Ciclo da Atuação Docente

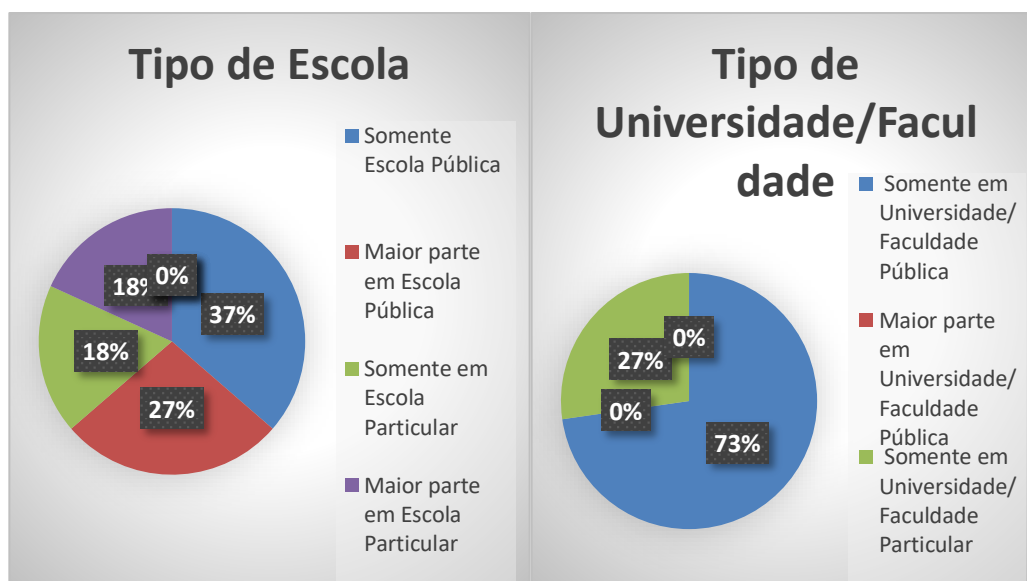
A maioria dos professores, 55%, apresentam idade superior aos 35 anos de idade, 73% tem o estado civil de casado, os demais, 27% tem estado civil de solteiro. Quanto a etnia, 46% se autodeclararam pardos, seguidos de 36% brancos, 9% amarelo, 9% negro e 0% indígena. A renda familiar dos docentes está entre 3 e 4 salários mínimos, com 55%, como podemos observar no gráfico abaixo.



Gráf.2- Renda Familiar

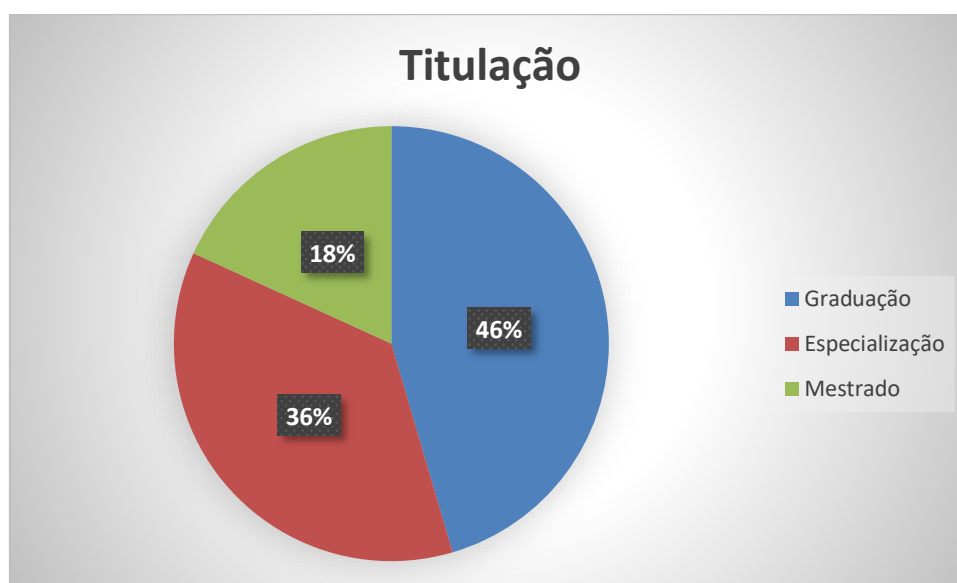
Os dois gráficos abaixo, mostram as instituições responsáveis pelo processo de escolarização dos docentes na escola e na universidade/faculdade públicas ou/e privadas.

Entre os docentes pesquisados, 37% estudaram somente em escola pública e 27% estudaram a maior parte em escola pública. Enquanto, 73% cursaram o nível superior somente em universidade/faculdade pública.



Gráf.3- Tipo de Escola**Gráf.4- Tipo de Universidade/ Faculdade**

Quanto a titulação, 46% dos docentes tem a formação mínima, nível superior, para o trabalho desempenhado, exceto um professor que ainda estava graduando-se na disciplina que ministrava na escola pesquisada. 36% afirmaram ter a titulação de especialista e 18% são mestrados.



Gráf.5- Titulação

Podemos traçar o perfil dos pesquisados, generalizando, a maioria tem idade superior a 35 anos, são casados, com renda familiar entre 3 e 4 salários mínimos mensais, são estudantes oriundos de escolas e universidades/faculdades públicas tendo a formação mínima para exercer sua profissão.

5.2 Visão Docente sobre a modalidade EJA

O gráfico abaixo mostra os anos de experiência dos docentes pesquisados.



Gráf.6- Anos de Experiência na EJA

A maioria dos docentes, 37%, têm 10 anos de experiência em salas da EJA. Somados, 36%, tem menos de três anos de experiência frente a 27% que tem de 4 a 8 anos de experiência na EJA.

Quando perguntados sobre sua visão da modalidade em que ensinam as respostas foram diversas e sempre partem do senso comum como: uma oportunidade para os sujeitos da EJA, e nenhuma vez, como direito humano.

As visões dos docentes vão desde uma modalidade abandonada pelo governo até um arranjo deste para trazer pessoas para sala de aula com críticas para buscar avanços no futuro, demonstrando o total desconhecimentos da luta social para oferta formal da educação destinada a jovens e adultos.

Um dos docentes vê a modalidade como um meio de facilitar a vida do jovem que trabalha durante o dia, de certa forma se referindo a especificidade mencionada na LDB 9394/96.

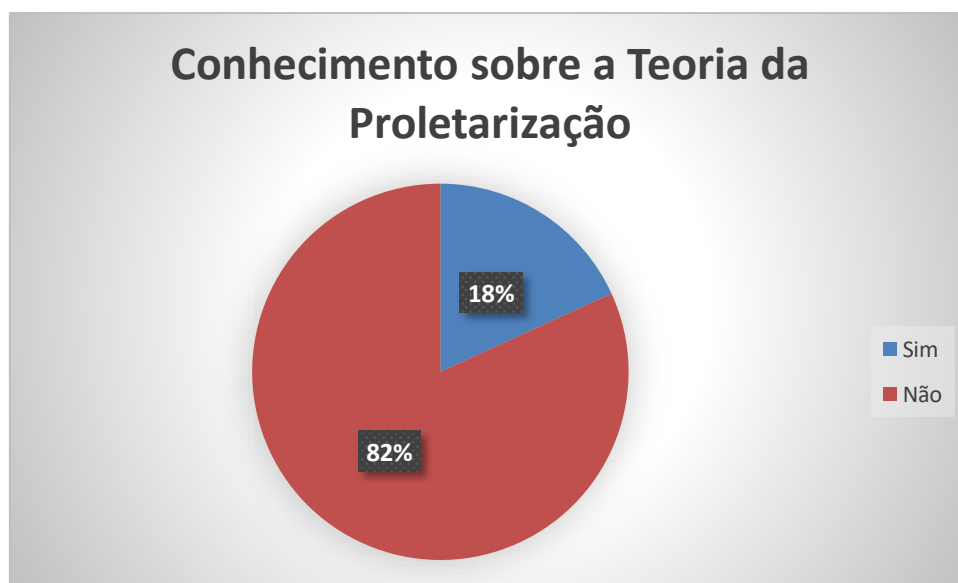
Podemos responsabilizar a formação inicial por tal visão, os cursos de nível superior em licenciaturas habilitam para ensino na modalidade em questão, porém, não dispõe de nenhum componente curricular obrigatório acerca da EJA. Como apresentado no perfil (Gráfico 05), tais profissionais tem

a formação mínima para atuarem como docentes, ou seja, a formação continuada dos que alegaram não contribui diretamente para atuação na Educação de Jovens e Adultos por terem aprofundamento em outras áreas de conhecimentos da educação.

Tanto na formação inicial quanto na formação continuada, mencionada por alguns, não se contempla a reflexão do fazer docente na modalidade que ocasiona a visão dos professores através do senso comum.

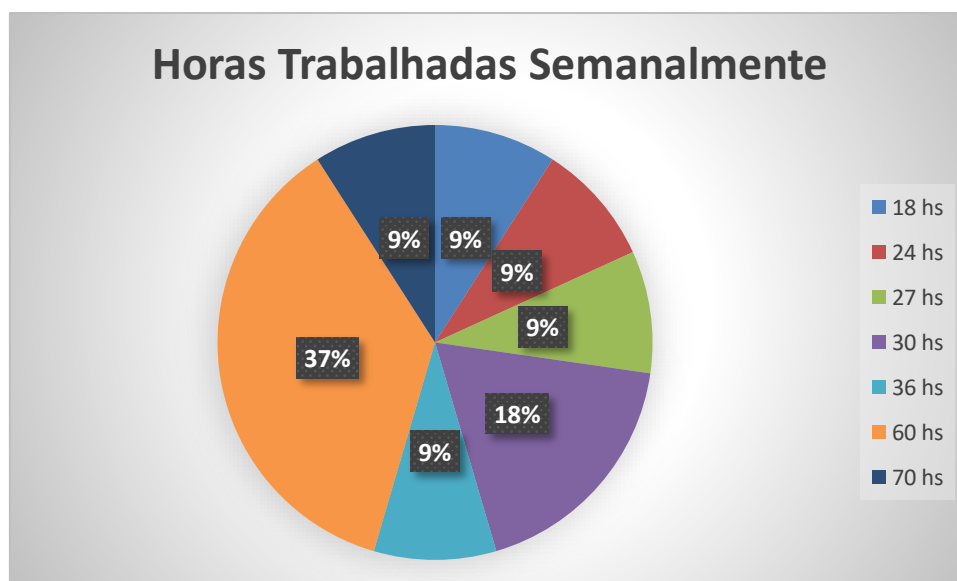
5.3 Conhecimento dos professores da EJA acerca da Teoria da Proletarização

Quanto ao conhecimento sobre a Teoria da Proletarização, 82% dos docentes pesquisados desconhecem a teoria, enquanto, 18% afirmam conhecê-la apresentando uma compreensão do educando da EJA como indivíduo proletário. Um dos fatores que nos leva a pensar a não aceitação do trabalho docente como um trabalho proletarizado.



Gráf.7- Conhecimento sobre a Teoria da Proletarização

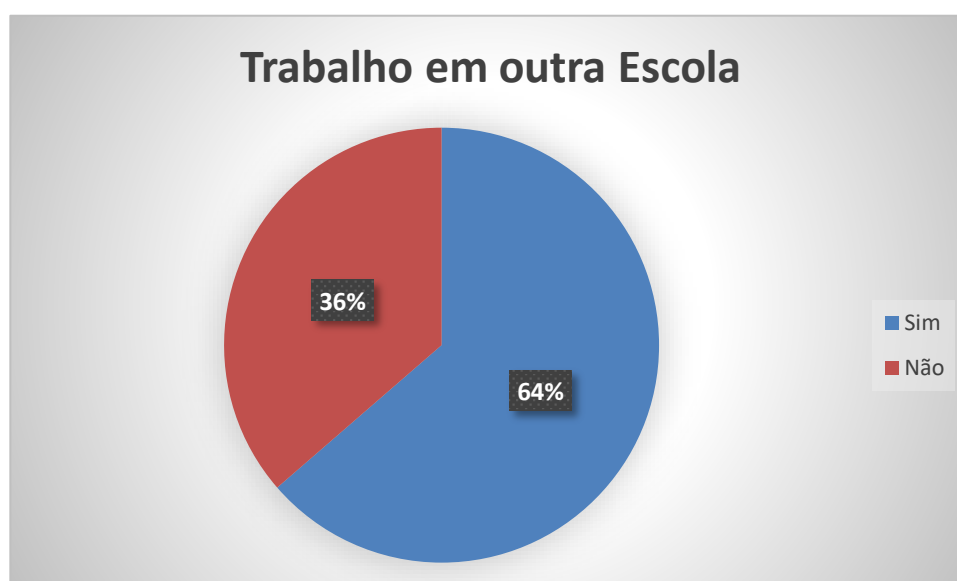
Uma outra inferência pode ser feita a partir da frenética carga horária semanal desses indivíduos, 37% trabalham 60 h/semana. Como poderemos observar no gráfico abaixo.



Gráf.8- Horas Trabalhadas Semanalmente

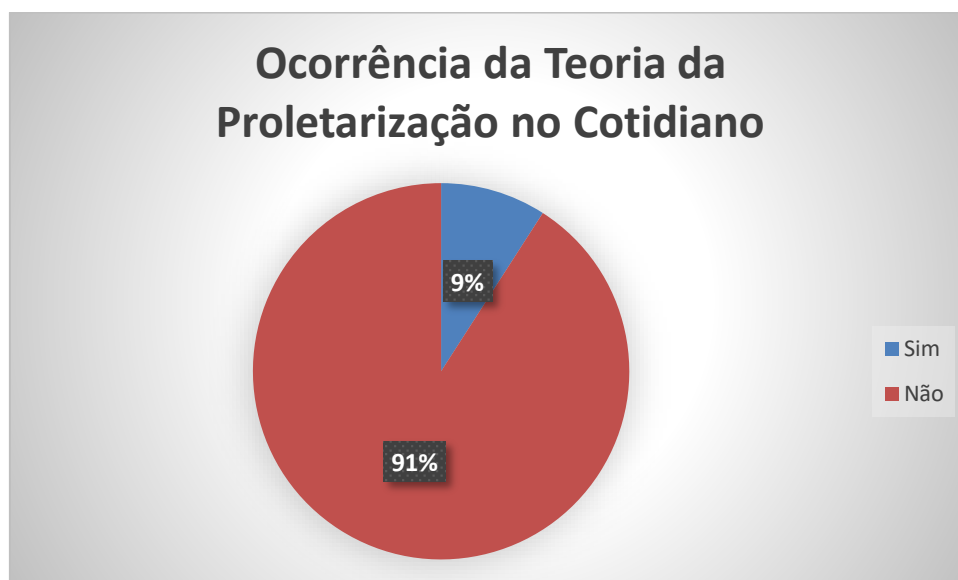
Longas jornadas de trabalho inviabilizam o processo de reflexão sobre suas condições de trabalho, e principalmente, sobre a prática docente, impedindo que haja a práxis, ação e reflexão do ser pensante, tão enobrecida pelo professor Paulo Freire. E, tal privação também ocorre com operários fabris que dentro de tal processo se torna alienado.

Um agravante ocorre na profissão docente, muitos precisam complementar a renda, e o fazem com jornadas de trabalho em outras escolas. 64% dos professores pesquisados comprovam as estatísticas, tendo ocupações em outras escolas. Como vemos no gráfico abaixo.



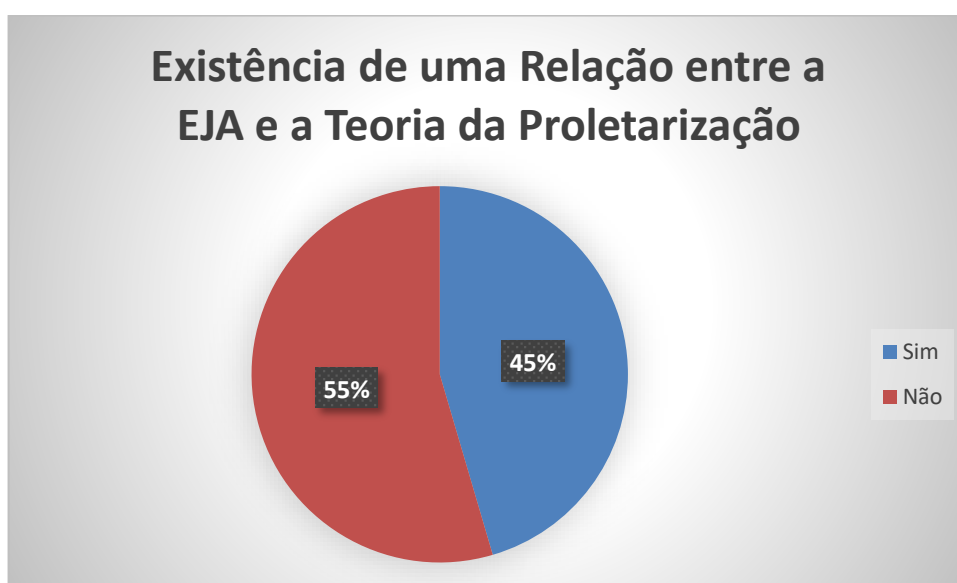
Gráf.9- Trabalho em outra Escola

Mesmo com tamanhas semelhanças do trabalho docente com o trabalho proletariado, 91% dos professores não observam a ocorrência da Teoria da Proletarização no seu cotidiano, enquanto, 9% acredita existir, porém, não sabe explicar exemplificando.



Gráf.10- Ocorrência da Teoria da Proletarização no Cotidiano

A existência de uma relação entre a EJA e a Teoria pesquisada, é negada por 55% e confirmada por 45% desses. A confirmação é a partir da visão do educando da EJA como proletariado, ou da concepção de comercialização da educação das instituições privadas de ensino. A negação é oriunda do desconhecimento da teoria. Evidenciado no gráfico abaixo.



Gráf.11- Existência de uma Relação entre a EJA e a Teoria da Proletarização

O desconhecimento da Teoria da Proletarização pelos professores da Educação de Jovens e Adultos do município de João Pessoa permite a aproximação do seu trabalho ao de um trabalho proletário. Pois, a incapacidade de inferência e de percepção da mesma no cotidiano, torna o docente desprotegido e as respostas acomodatórias aparentam-se como assertivas.

Uma vez dada à resposta de dessensibilização ideológica a perda do sentido social do seu trabalho é comprometida seriamente, assim como a defesa de uma educação que promove a criticidade, a emancipação do sujeito tão defendida pelo professor Paulo Freire. Esse caminho leva a uma educação vazia de significado para o educando, nada atrativas e os conteúdos aprendidos não contribuem para sua concepção de mundo, para refletir as situações de opressões sociais.

Enfim, o desconhecimento da teoria eleita nesse trabalho inviabiliza o enriquecimento da prática docente seja pela ausência de reflexão da mesma no fazer diário do professor, ou seja, pelas consequências das respostas acomodatórias dada instintivamente pelos mesmos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desse trabalho foram realizar o estudo do perfil dos docentes da Educação de Jovens e Adultos- EJA, assim como das suas visões sobre a modalidade em questão e a Teoria da Proletarização no município de João Pessoa.

Esta teoria baseia-se na semelhança dos professores aos trabalhadores intelectuais do setor de serviços, através de um processo de desprofissionalização que subtrai sua autonomia, diminui sua qualificação e a sua participação nas funções conceituais de trabalho. Segundo autores pesquisados existem dois tipos de respostas acomodatórias dada a tal Teoria: a dessensibilização ideológica e a cooptação ideológica.

O desenvolvimento desse estudo possibilitou a afirmativa do desconhecimento dos profissionais da EJA de João Pessoa acerca da Teoria norteadora desse trabalho. Com base nos dados coletados podemos traçar o perfil desses docentes: a maioria tem idade superior a 35 anos, são casados, com renda familiar entre 3 e 4 salários mínimos mensais, são estudantes oriundos de escola e universidade/faculdades públicas tendo a formação mínima para exercer sua profissão. Ainda com base nos dados, a visão sobre a modalidade na qual lecionam são consolidadas no senso comum. Consideramos atingido os objetivos pretendidos inicialmente, porém, sabendo da imensa amplitude e do não esgotamento do tema.

Consideramos de fundamental importância que todos os professores, independentemente da sua modalidade de atuação, conheçam a Teoria da Proletarização do trabalho docente, para garantir uma educação de qualidade, plena e emancipatória ao educando.

Concluimos que com esse trabalho beneficiamos diretamente tanto aos professores quanto aos alunos da modalidade com a investigação. Pensar meios de denunciar, minimizar, são aspectos possíveis de futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOS, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BARBOSA, Eduardo F. **Metodologia da Pesquisa**: Instrumentos de Coleta de Dados em Pesquisas Educacionais. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/Instrumento_Coleta_Dados_Pesquisas_Educacionais.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. Disponível em: <http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf>. Acesso em: 04 out. 2017.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2005.
- DAL ROSSO, Sadi. **Mais Trabalho!** A intensificação do trabalho na sociedade Contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ENGUITA, Mariano Fernandez. **A Ambiguidade da Docência**: entre o profissionalismo e a proletarização. In: Revista Teoria e Educação, nº4, 1991.
- FÁVERO, Osmar, RUMMERT, Sônia Maria & VARGAS, Sônia de. **Formação de profissionais para a educação de jovens e adultos trabalhadores**: a proposta da faculdade de educação da Universidade Federal Fluminense. In: Diversidade e desigualdade: desafios para a educação na fronteira do século. XXII Reunião Anual da Anped, São Paulo, 1999. (Cd-Rom).
- FEITOSA, Sonia Couto Souto. **Método Paulo Freire**: princípios e práticas de uma concepção popular de educação. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo- Faculdade de Educação, 1999.
- FRAZÃO, Dilva. **Paulo Freire**: Educador brasileiro. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/paulo_freire/>. Acesso em: 04 out. 2017.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos- **Como elaborar projetos de pesquisa**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

JÁEN, Marta Jiménez. **Os Docentes e a Racionalização do Trabalho em Educação**: elementos para uma crítica da teoria da proletarianização dos docentes. In: Revista Teoria e Educação, nº4, 1991.

LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 04 out. 2017.

Lei Nº 12.612, de 13 de ABRIL DE 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12612.htm>. Acesso em: 07 out. 2017.

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2005.

Site Qedu. **Lista completa de escolas, cidades e estados.** Disponível in:< <http://www.qedu.org.br/busca/115-paraiba/4586-joao-pessoa>>. Acesso em: 03 out. 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência como atividade profissional.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina (Org.). Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papirus, 2008. P. 13-21.

APÊNDICE

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA RESPONDER QUESTIONÁRIO

Pesquisa: A Visão dos Profissionais da Educação de Jovens e Adultos- EJA acerca da Teoria da Proletarização.

Informações para o(a) participante voluntário(a):

Você está convidado(a) a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC, **“A Visão dos Profissionais da Educação de Jovens e Adultos- EJA acerca da Teoria da Proletarização”**, sob responsabilidade do(a) pesquisador(a) concluinte Leonice Olimpio Correia Damião, tel.(83) 996904174, e-mail:fran.nice@yahoo.com.br e a orientadora Prof.(a) Suelidia Maria Calaça. Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos e assine no local destinado:

a) você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza; b) você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso; c) sua identidade será mantida em sigilo; d) caso você queira, poderá ser informado(a) de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

Ass.:_____

QUESTIONÁRIO

Dados pessoais

1. Instituição: _____

2. Qual disciplina ou ciclo leciona?

3. Sexo:

- a) ☐ Feminino
- b) ☐ Masculino

4. Quantos anos você tem?

- a) ☐ menos de 25 anos de idade
- b) ☐ entre 25 e 30 anos de idade
- c) ☐ entre 30 e 35 anos de idade
- d) ☐ entre 35 e 45 anos de idade
- e) ☐ mais de 45 anos de idade

5. Em relação a sua cor, você se considera:

- a) ☐ Branco(a)
- b) ☐ Negro (a)
- c) ☐ Pardo (a)
- d) ☐ Amarelo (a)
- e) ☐ Indígena

6. Qual seu estado civil?

- a) ☐ Solteiro (a)
- b) ☐ Casado (a)/ mora com um(a) companheiro (a)
- c) ☐ Separado (a)/ divorciado(a)/ desquitado(a)
- d) ☐ Viúvo (a)

7. Qual é a sua renda familiar mensal atual?

- a) ☐ 1 a 2 salários mínimos
- b) ☐ 3 a 4 salários mínimos
- c) ☐ 4 a 5 salários mínimos
- d) ☐ 5 ou mais salários mínimos

8. Em que tipo de escola você fez sua escolarização?

- a) () Somente em escola pública.
- b) () Maior parte em escola pública.
- c) () Somente em escola particular.
- d) () Maior parte em escola particular.
- e) () Somente em escola indígena/quilombola.
- f) () Maior parte em escola não-indígena.

9. Em que tipo de universidade/faculdade você cursou graduação?

- a) () Somente em universidade/faculdade pública.
- b) () Maior parte em universidade/faculdade pública.
- c) () Somente em universidade/faculdade particular.
- d) () Maior parte em universidade/faculdade particular.

Dados sobre a profissão:

1. Qual sua formação?

Graduação _____

Especialização _____

Mestrado _____

Doutorado _____

2. Por que você escolheu uma licenciatura?

3. Você trabalha quantas horas semanais? _____

4. Você trabalha em outra escola? () Sim () Não

4.1. Se SIM, Qual o nome da outra escola?

4.2. Qual modalidade de ensino exerce na outra escola?

5. Quanto tempo de experiência na EJA?

6. Você conhece a teoria da proletarização? () Sim () Não

6.1. Se SIM, Qual sua compreensão sobre esta Teoria?

7. Você observa a ocorrência da teoria da proletarização no seu dia-a-dia de trabalho? Se sim, exemplifique.

8. Existe relação entre a EJA e a Teoria da Proletarização? Qual?

9. Qual sua visão sobre a modalidade EJA?
